

# Museu é ontem, hoje e movimento

***Anna Karina Silva Figueiredo***

Licencianda do curso de Ciências Biológicas da UFRN

***Jaime Lucas Queiroz de Souza***

Licenciando do curso de Ciências Biológicas da UFRN.

***Marcela Karoline Macedo Alves do Nascimento***

Técnica em controle ambiental e futura bióloga, inquieta e entusiasta do trabalho voluntário.

***Salu Coêlho da Silva***

Graduando de Licenciatura em Ciências Biológicas (UFRN), técnico em informática (IFRN) e entusiasta por coleções biológicas que sonha em um ensino de ciências mais democrático e de qualidade.

***Sarah Costa Damasceno***

21 anos, estudante do sexto período de Ciências Biológicas, técnica em controle ambiental, nutrindo uma paixão pela educação e estudo do comportamento animal.

Orientador de Estágio:

Prof. Dr. Thiago Emmanuel Araújo Severo  
(UFRN/DPEC)

# 01

**M**otivos diversos nos levaram ao nosso local de estágio. Uns tentaram fugir de uma experiência traumática no ambiente escolar durante o Estágio I, outros queriam ir à escola, mas foram convencidos da nova possibilidade, outros entraram nos minutos finais do segundo tempo e todos foram inspirados por um de nossos amigos, aspirante a paleontólogo. Assim, nós e praticamente toda a turma ingressante em licenciatura MT 2017.1, abraçamos a ideia de desenvolver nosso projeto de ensino para o componente curricular Estágio Supervisionado de Formação de Professores II no Museu Câmara Cascudo (MCC). Nos dividimos em dois grupos e ficamos nós, cascudinhos.

Empolgados e esperançosos, iniciamos essa trajetória. E que trajetória! Mal sabíamos os desafios e alegrias que o MCC tinha reservado para nós! A começar pelo sentimento de estarmos nadando em um gigantesco mar de possibilidades e potencialidades, apresentadas com a fala sempre gentil de nossa supervisora de campo, tão naturalmente, enquanto nós nos entreolhávamos com desespero, como quem está encantado e perdido ao mesmo tempo. Seguindo tal qual cego em tiroteio, como versa o dito popular, após as provocações despejadas em nossas mentes, começamos a difícil empreitada de realizar uma triagem entre nossas gananciosas ideias e torná-las concretas, tentando definir público alvo, temática, objetivos e formato.

Algumas coisas que nos foram faladas logo que iniciamos o estágio puderam ser percebidas por nós no decorrer das dez semanas: o museu, na verdade, museus, são feitos de processos sempre mutáveis, recebem e se



(Foto: Reprodução/Google)

preparam para públicos distintos, sendo muito mais vivos e dinâmicos do que poderíamos pensar. Não basta ir ao museu uma vez e achar que conheceu tudo, sempre há algo mais a experimentar, em diferentes contextos, trazendo diferentes visões, vindo em anos distintos, em momentos diferentes da vida e para os muitos eventos e coisas novas que ao menos no MCC estão sempre emergindo. Já mudou bastante e aconteceu muita coisa desde que iniciamos nossa trajetória e depois que finalizamos o tempo obrigatório também.

As tardes de terça foram passando e nelas, além de conhecer e observar as exposições do museu, tendo a oportunidade de acompanhar algumas escolas que convenientemente o visitavam, pudemos adentrar nos laboratórios e salas secretas repletas de fósseis, histórias do passado da terra e estórias da nossa cidade, risadas, café (ou água, a critério da saúde do estagiário) e o dia a dia dos jovens cientistas que ali se encontram trabalhando com muita vontade e resistência. Pudemos ver de dentro o que alguns de nós havíamos visto só no olhar de quem visita o que já está construído e, no processo, também

construímos algo: nossa oficina projeto. Depois das conversas já mencionadas e de muito andar por todas as exposições, começamos a fechar a ideia, discutimos, “matutamos” e nos envolvemos. Trabalhos e reflexões por diversas vezes extrapolaram as fronteiras do museu e a carga horária obrigatória, como nas caminhadas até a parada ou praça de alimentação.

No fim, queríamos explorar os espaços e as possibilidades de dinamicidade usando diferentes lugares dentro e fora das paredes do museu e também conectar o ontem e o hoje conversando sobre extinção e dispersão humana. Foi um tema confortável e com o qual temos afinidade, ainda assim, apanhamos um pouco para nos apropriarmos ainda mais dos assuntos em fontes confiáveis e, escrevendo sobre isso agora, pensamos que talvez pudéssemos ter falado mais sobre como o conhecimento sobre os temas escolhidos foi se modificando frente a novos achados e novos conhecimentos de áreas afins. Faz parte pensar no que poderíamos ter feito a mais ou diferente, há sempre algo a se aprender olhando para trás, o que inclusive casa bem com o que foi nossa proposta.

Ainda assim, podemos dizer que a experiência como um todo foi de grande valia e altamente gratificante, tendo nos proporcionado um olhar mais profundo na docência. Poder interagir com as crianças e os adolescentes, sermos vistos como professores, perceber entre os alunos que contribuímos com a construção de conhecimentos, e ainda despertar o interesse e curiosidade deles para temas como evolução

**Faz parte pensar no que poderíamos ter feito a mais ou diferente, há sempre algo a se aprender olhando para trás**

e paleontologia, foi uma forma de reconhecimento diante o trabalho que realizamos, o que nos trouxe um sentimento de satisfação perante nosso projeto. Além disso, ouvir frases do tipo “estude, viu, professora, porque eu quero que você seja nossa professora” ou “vocês deviam dar aula pra gente”

não tem preço e nos deixou com a sensação de dever cumprido.

Após pôrmos em prática a oficina junto a uma turma, conversamos com os professores de língua portuguesa e biologia que gentilmente aceitaram participar e cederam seus alunos para desconhecidos sem saber o que os aguardava. O feedback dos professores que, de certa forma, representam nosso possível futuro, foi positivamente explicitado por diversos elogios feitos, como “Essa mediação feita foi uma aula! Vai facilitar bastante aulas futuras. Vocês tornaram parte do conhecimento palpável para eles. No momento não tenho sugestões, gostei de tudo”. Os elogios não se restringiram a eles. Sem esperarmos, os alunos também nos agradeceram, principalmente por terem tido lugar de fala, por ser permitido interagir, expor sua opinião. Ouvimos que o nosso projeto deu vida e movimento ao museu, mostrando que “museu não é só lugar de coisa velha”.

Talvez tenhamos auxiliado a construir alguns conceitos e ideias nas muito jovens mentes que participaram de nossa intervenção. Mas muito mais do que eles possam ter aprendido foi o que nós aprendemos, para a vida como um todo e principalmente para a parte de nossas vidas diretamente relacionada com a formação

profissional. Fomos surpreendidos com pensamentos demasiadamente coerentes no quesito da conservação ambiental, o que levou a reflexão: *Se eles sabem disso tudo, onde erramos como sociedade na preservação? Por que erramos? Como fazer a teoria se tornar prática cidadã?*

A influência que um professor pode ter na vida e no modo de enxergar a vida de um estudante é maior do que podíamos imaginar, especialmente daquele que se propõe a fazer do processo de ensino-aprendizagem uma permuta e não uma via de mão única e hierárquica entre professor e aluno. E o impacto que eles deixaram cravado nesses amedrontados e sonhadores aspirantes a professores foi ainda maior. Nesse processo, muito mais do que cumprir carga horária e conquistar a aprovação em uma disciplina, conquistamos habilidades e valores.

Dentre eles vale ressaltar: 1) Não subestimar o tempo! Apesar de nos terem disponibi-

lizado toda a tarde, devido a imprevistos ocorridos durante a execução, o horário planejado foi extrapolado. E o que fazer nesses momentos? Só nos resta aproveitar o que está posto e seguir rumo ao objetivo superando os obstáculos do caminho. 2) Prestar mais atenção nos detalhes! Especialmente na reação dos alunos, para que desta forma seja possível nos adaptarmos à eles, às suas motivações, interesses, aproveitá-los didaticamente e contornar momentos de falta de atenção ou dúvidas. 3) Escutar, escutar de verdade! É a maneira como nos conectamos com as pessoas, aprendemos sobre o mundo, sobre nossos erros, sobre como melhorar nossa conduta. De onde menos se espera surgem conversas fartas e colhe-se preciosos grãos que aos poucos “enchem o papo da galinha” ou de quem busca se alimentar de todo conhecimento e possibilidades que o Museu Câmara Cascudo emana desde 1960.



(Foto: Reprodução/Google)